

## **O telejornal sensacionalista, a violência e o sagrado <sup>1</sup>**

Jaime Carlos Patias <sup>2</sup>, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP.

### **Resumo**

O presente trabalho faz uma reflexão crítica sobre o telejornal sensacionalista que noticia a violência, o crime e as mazelas vividos pela população da Grande São Paulo. Normalmente, as discussões sobre a violência na mídia se atêm à análise sobre o impacto que aquela mostrada na TV tem sobre o público que a assiste. Nos propomos a pensar mais sobre a relação entre a existência dos programas sensacionalistas e a violência; no papel dos telejornais policiais que, na sociedade contemporânea, surgem em substituição às instâncias judiciárias no combate à violência. Para exemplificar, escolhemos o telejornal “Brasil Urgente” produzido e exibido pela TV Bandeirantes.

**Palavras-chave:** telejornal; sensacionalismo; violência; sagrado.

### **1. O gênero sensacionalista**

O jornalismo tido como sério não é o único noticiário a ocupar a programação televisiva brasileira. Existe uma outra espécie de jornalismo (revistas, jornais e telejornais) no mercado editorial que foge aos padrões normais: é o chamado sensacionalista, ou popularesco. O gênero, no seu estilo e forma, tende a explorar a violência, o extraordinário, o *fait divers*, o anormal. Extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece, usando linguagem e imagens chocantes que prendem a atenção do público. Quase fabrica uma nova notícia que passa a se vender por si mesma. Nesse gênero de jornalismo, o mais importante é a manchete, que faz o leitor ou telespectador ler ou assistir (comprar) apenas por atração, por sensação, por impacto, por curiosidade despertada, uma vez que o desenvolvimento da matéria não acrescentará nada além daquilo que já foi anunciado. As matérias têm o tempo e a duração que forem necessários, desde que mantenham o receptor interessado naquilo que é mostrado, garantindo a audiência. Entretanto, não se pode negar, que nesse gênero de jornalismo, a informação não esteja presente, nem tampouco, deixar de admitir que o jornalismo tido como sério, esteja completamente livre de assumir características tipicamente sensacionalistas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Comunicação Audiovisual, Intercom 2006.

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia pela PUC-PR, bacharel em Teologia pela Leuven University – (Bélgica) e mestre em Comunicação pela Cásper Líbero onde é Membro do Grupo de Pesquisa da Comunicação na Sociedade do Espetáculo. Diretor da revista “Missões”. E-mail: [jcpatias@hotmail.com](mailto:jcpatias@hotmail.com)

## 2. Sensacionalismo no telejornalismo

O gênero sensacionalista parece ter se enraizado na imprensa desde seus primórdios. As análises sobre a origem da imprensa na França e nos Estados Unidos mostram que o sensacionalismo já estava presente (Cf., Angrimani, 1995:19). A *Gazette de France*, publicada em 1631, se parece muito com os jornais sensacionalistas de hoje. Antes dela, os *occasionels*, folhetins, impressos em caracteres góticos, sobre um papel de baixa qualidade com ilustrações, eram procurados porque publicavam assuntos criminais e desastres. No século XIX, as pessoas que faziam os jornais saíam às ruas gritando as manchetes de cunho sensacionalista. O primeiro jornal americano, o *Public Occurrences*, publicado pela primeira vez em 1690 era sensacionalista. Contudo, é senso comum atribuir aos editores Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst (final do século XIX) a responsabilidade pela implantação do jornalismo sensacionalista (Cf., Angrimani, 1995:19).

Para nos atermos mais ao campo da televisão, de maneira geral, nos Estados Unidos a espetacularização invadiu o telejornalismo nos anos 80 do século passado e estaria relacionada com o recuo do telejornalismo investigativo, que tem forte tradição na TV americana. O avanço da espetacularização acontece no mesmo período em que se dá a expansão dos grandes conglomerados econômicos que incorporam também grupos de comunicação. Nos debates sobre a exploração da violência na TV norte-americana a explicação mais aceita para esse quadro é simples: “crime vende”. De maneira geral, a TV americana parece seguir um raciocínio simples: “notícias sobre violência atraem a atenção dos telespectadores” (Barbosa, In: *Anuário 2001-2002*:94). Nessa linha, quanto mais violência no noticiário, maior a audiência, maior o preço do horário para anúncio e maior o retorno em publicidade.

Nossos programas na TV brasileira seguem a fórmula decifrada pela mídia norte-americana para a qual o sensacionalismo está amparado no tripé violência, sexo e esporte. Já no final da década de 60, um estilo de programa que retratava a miséria humana, conflitos familiares, histórias policiais, prostitutas, homossexuais e mendigos, começou a fazer muito sucesso. Um dos pioneiros nesta linha foi Jacinto Figueira Júnior, que estreou, em 1966, o programa “O Homem do Sapato Branco” e permaneceu no ar com seu *show* de

misérias por vários anos. Seu programa foi veiculado pela Bandeirantes, Globo, SBT e até mesmo pela TV Cultura, emissora teoricamente mais preocupada com o padrão de qualidade da sua programação. No final da década de 70, a extinta Rede Tupi conseguiu elevar seus índices de audiência com o programa “A Voz do Povo na TV”. Exibido durante o período vespertino, essa atração se propunha a ser uma espécie de prestação de serviços para a população.

A década de 90 chega e, já no dia 20 de maio de 1991, com uma “transposição do jornalismo popular de rádio para a televisão” (Squirra, 1993:142) estreava um novo programa que também trazia o “rótulo” do “mundo-cão”. Era o noticioso “Aqui Agora” apresentado por Gil Gomes, “um telejornal vibrante que mostrava, na TV, a vida como ela é!” O “Aqui Agora” saiu do ar no início do ano de 1997. Mas, não tardou para que novas atrações, dotadas de características semelhantes, viessem ocupar o seu lugar, já que a lógica mercadológica dos produtos massivos exige essa constante renovação, que não implica na mudança ideológica ou de conteúdo.

Apesar das mudanças, o gênero, ainda hoje, continua ocupando o horário vespertino da programação televisiva destacando-se o telejornal “Brasil Urgente” na TV Bandeirantes. Outros dois programas, extintos recentemente, o “Cidade Alerta” na Rede Record e o “Repórter Cidadão” na Rede TV, tinham formatos muito semelhantes e o mesmo perfil editorial: cobrir os fatos violentos e as desgraças, que afetam principalmente a cidade de São Paulo. Em horário distinto, a Rede Globo continua a exibir o “Linha Direta”.

### **3. Diferença no estilo**

No telejornal tradicional, como é o caso do Jornal Nacional (JN), produzido e exibido em horário nobre pela Rede Globo, os apresentadores ficam sentados atrás de uma bancada (mesa) de onde, seguindo o *script*, anunciam as manchetes e desenvolvem as matérias, chamando os repórteres com frases bem elaboradas e linguagem objetiva. Sem fazer comentários no estilo âncora, em meia hora de programa, o JN apresenta em média 22 reportagens por edição. As reportagens têm a duração de 15 a 30 segundos. As mais longas duram, no máximo, um minuto e meio. A comunicação não-verbal - movimentação das

mãos, expressão facial, olhar - é discreta, e até o cabelo e a roupa devem seguir um padrão de qualidade determinado.

No telejornal sensacionalista, a forma de ancoragem é outra. O apresentador fica em pé no estúdio, tendo atrás de si um cenário arrojado, formado por monitores de TV, por onde ele acompanha a exibição das imagens, comunica-se pelo ponto eletrônico com a direção técnica do programa, pede a repetição de imagens, dá ordens, gesticula com as mãos, movimenta-se com liberdade, dá as costas para as câmaras, anda pelo estúdio, gesticula e abusa de expressões faciais, pode se aproximar ou se afastar das câmaras, produzindo efeitos muito diferenciados, em especial quando é enquadrado em close-up, e, principalmente, faz seus julgamentos. José Luiz Datena, apresentador do “Brasil Urgente” na Bandeirantes, por exemplo, xinga os acusados usando expressões como: “vagabundo”, “safado”, “sem vergonha”, etc. No telejornal sensacionalista, o apresentador é mais um animador que, ao mesmo tempo anuncia as notícias, chama os repórteres, divulga os produtos e serviços oferecidos pelos patrocinadores, faz sorteios de brindes e manda recados aos telespectadores.

Um pouco de sensacionalismo pode até aparecer no telejornal tido como sério, mas o gênero tem características que lhe são peculiares: o estilo, a linguagem chocante, o apelo emocional, a forma, a busca do *fait divers*, a duração das reportagens, a repetição, o tempo presente, a postura do apresentador, o uso da teledramaturgia, da ficção... essas características são marcas que identificam sobremaneira o gênero popularesco. A forma como o telejornal tradicional anuncia e mostra as imagens de uma rebelião, por exemplo, em muito se difere daquela utilizada pelo gênero sensacionalista.

#### **4. A questão da violência**

A questão da violência, ao longo dos anos, emerge como um problema para os indivíduos e sociedades. As respostas a este fenômeno têm se mostrado múltiplas e diversas, abrangendo uma gama de medidas, nos mais diversos níveis: individual, comunitário, governamental. No segundo semestre de 2005, o Estatuto do Desarmamento e o Referendo sobre a

comercialização de armas de fogo e munição suscitaram calorosas discussões.<sup>3</sup> Sempre que surgem atos de violência, como a recente onda de ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) no Estado de São Paulo, as discussões sobre o tema se intensificam. Contudo, aos poucos tudo se acalma e quase não se fala mais no assunto até a próxima crise de violência estourar. Debates demonstram que, em relação à essa questão, não há consenso entre os pesquisadores quanto às causas que produzem a violência, nem mesmo quanto ao fenômeno em si.

Dentre as inúmeras reflexões significativas a respeito da temática, destacamos a obra de René Girard, um dos pensadores cada vez mais valorizados por sua interpretação.<sup>4</sup> Os autores que discutem suas teorias se encontram mais na área da antropologia, da crítica literária e das ciências da religião. Nos estudos da comunicação, Girard é pouco conhecido. Na nossa reflexão apresentamos apenas alguns elementos da vasta obra do autor, que servirão para iluminar a análise do telejornal sensacionalista: nomeadamente, sua teoria sobre a violência e o sagrado, o conceito de violência purificadora e impura e os mecanismos de controle da violência na sociedade como o ritual sacrificial e o sistema judiciário. Suas investigações podem iluminar o debate acerca do papel dos telejornais sensacionalistas na sociedade contemporânea.

## **5. A violência e o sagrado**

Girard argumenta que a articulação dos diversos fenômenos sociais opera através da íntima relação do sagrado com a violência: “a violência e o sagrado são inseparáveis” (1998:32); “É a violência que constitui o verdadeiro coração e alma secreta do sagrado” (*Ibid.*:46). O sagrado é a ferramenta reguladora da qual as sociedades lançam mão diante da ameaça de violência generalizada. Este processo permite a própria fundação da cultura. Para o autor, a violência sempre tem algo a ver com o sacrifício e o sagrado está pleno de violência. A palavra *sacri-fício* significa fazer sagrado e opera na estrutura do bode expiatório.

---

<sup>3</sup> Estatuto do Desarmamento, votado no Congresso Nacional e que se tornou a Lei 10826, de 22 dez. 2003. Referendo realizado no dia 23 out. 2005.

<sup>4</sup> Nascido aos 25 de dezembro de 1923 em Avignon, França, René Girard figura entre os maiores pensadores da atualidade como professor de literatura, antropólogo, crítico literário, filósofo, sociólogo e historiador. Desenvolve seu trabalho na Universidade de Stanford, na Califórnia, EUA.

Estudando as sociedades arcaicas, Girard observa que o sacrifício tem sua eficácia enquanto processo preventivo, coibindo uma violência recíproca desencadeada na comunidade. Para que cumpra seu papel enquanto última palavra da violência, o sacrifício precisa de uma vítima que não possa reagir. Ao receber toda a violência do sacrifício, a vítima não pode devolver a violência; não pode vingar-se. Por isso, a vítima é sempre alguém à margem da sociedade <sup>5</sup> (animal, criança, rei, estrangeiro, escravo, mendigo, viúva, prisioneiro, bruxa, messias...). São todos indivíduos que apresentam um vínculo frágil ou nulo com a sociedade. Nesse processo, mais importante do que ser culpado é a garantia de que a vítima não possa ser vingada, isto é, que ninguém reivindique a sua vingança. Uma vez sacrificado, o bode expiatório, que era considerado a causa da crise, passa a ser a fonte da reconciliação e bem-estar. Depois da sua morte ele é semidivinizado.

A violência do sacrifício além de produzir o sagrado, também sacraliza a violência, que passa a ser considerada purificadora. O mecanismo do bode expiatório é a fonte de tudo o que há nas religiões mítico-rituais. Todo ritual religioso provém da vítima expiatória, e as grandes instituições humanas, religiosas e profanas, provêm do rito (Cf. Girard, 1998:384).

A partir do mecanismo vitimário, se inaugura uma nova *mimesis* – mito, rito e interdito são os alicerces, os três níveis, segundo a teoria girardiana da religião, da cultura e da ordem social. A violência em relação à vítima esvazia o espírito beligerante dos participantes, criando entre eles uma confraternização que só foi possível com o sacrifício de uma vítima ocasional e não raro, inocente, denominada bode expiatório. A vítima, quando assume a função que lhe atribuiu a comunidade para ser o bode expiatório, torna-se maldita, mas imediatamente após ser sacrificada, após passar pelo *rito*, é reabilitada, pois salvou a comunidade e transformou-se num *mito* do qual todos celebram a memória. O rito e o mito, parte do sistema sacrificial, por sua vez geram o *interdito* que é o tabu, ou seja, o que não é permitido: aquilo que a comunidade proíbe para evitar a crise. Por exemplo, o tabu do incesto é o que permite o fim da disputa entre irmãos.

---

<sup>5</sup> À “marginalidade de fora” (pobres, excluídos), Girard acrescenta a “marginalidade de dentro” (a dos ricos e poderosos, reis). Quanto mais distante do *status* social mais comum, maior o risco de perseguição. Cf., René GIRARD, Um longo argumento do princípio ao fim, p.28. Cf., IDEM, A Violência e o Sagrado, p.24.

## **6. Violência purificadora e violência impura**

Outro aspecto importante em Girard é a idéia de violência purificadora e violência impura. Independentemente das instituições, para que elas realmente exerçam a função de legítimas representantes da sociedade na prevenção e resolução da desordem, é preciso haver algo que distinga a violência legítima (purificadora), da violência comum (impura). Nos rituais, a violência do sacrifício produz o sagrado e sacraliza a violência, transformando-a em violência purificadora, utilizada para expulsar a violência impura (comum). Esse mecanismo faz acreditar numa diferença entre a violência legítima e ilegítima, impedindo a contestação, que poderia criar um círculo vicioso de vingança.

Nas suas investigações sobre as sociedades arcaicas, Girard explica que diante da violência surge um perigo: a instalação da violência interminável que ameaça destruir a comunidade. Surge então, o ritual, com a função de “purificar a violência, ou seja, enganá-la e dissipá-la sobre vítimas que não possam ser vingadas” (1998:52). Essa purificação da violência impura se dá através do sangue das vítimas sacrificiais, o sangue que permanece puro por ser derramado ritualisticamente e que vai purificar a violência impura.

Quando a violência pura se torna sacrifício, ela não é mais chamada de violência. Normalmente as pessoas a consideram sagrada e o âmbito do sagrado não é violento porque se encontra no campo do sobrenatural e advém de Deus. Então, isso é sacrifício que, na opinião de Girard, consiste numa violência que a sociedade considera um ato sagrado, que purifica a violência interna. A própria violência do sacrifício, agora sacralizada é a violência purificadora que irá purificar a comum. A conclusão é de que o sacrifício é a violência purificadora e a violência comum é a violência impura.

## **7. A passagem do ritual sacrificial para o sistema judiciário**

Girard assim explica a evolução da sociedade: dos procedimentos preventivos através do ritual sacrificial das sociedades primitivas, passou-se a um procedimento curativo pela constituição do sistema judiciário. Este não impede a vingança como os procedimentos religiosos, mas a racionaliza, transformando-a em uma técnica de cura e prevenção da

violência. Isso é feito através de uma autoridade judiciária independente e a serviço da sociedade, diante da qual todos se curvam.

O autor conclui que “o sistema judiciário e o sacrifício têm a mesma função, mas o sistema judiciário é muito mais eficaz” (1998:36). O sistema judiciário substitui o ritual sacrificial que, na sociedade moderna, ao fazer valer a justiça, pratica a violência purificadora. Assim, a sociedade diferencia a violência da justiça deixando a última palavra ao sistema que opera segundo as leis, neutralizando a violência. A ausência do sistema judiciário abre a possibilidade para a vingança livre acontecer.

(...) é o sistema judiciário que afasta a ameaça da vingança. Ele não a suprime, mas limita-a efetivamente a uma represália única, cujo exercício é confiado a uma autoridade soberana e especializada em seu domínio. As decisões da autoridade judiciária afirmam-se sempre como a última palavra da vingança (Girard, 1998:28).

Esta linha de pensamento sintoniza com o conceito de Estado como detentor do monopólio sobre administração da força, desenvolvido por Max Weber, quando reflete sobre a autoridade e a legitimidade.<sup>6</sup> Uma das características que definem o Estado moderno, segundo Weber, é a ordem legal, isto é, a existência de áreas de jurisdição fixas e oficiais, ordenadas de acordo com regulamentos, leis e normas administrativas; o monopólio do uso da força legítima necessária ao cumprimento da ordem legal. Weber advoga o império da lei como princípio básico de sustentação da ordem social.<sup>7</sup>

Há que se discutir em que medida o sistema judicial moderno ocupa o lugar da estrutura sacrificial arcaica. Certamente a execução legal, seja com condenação à morte ou penas de encarceramento, pode ser vista como a ritualização de uma violência social. Em certa medida, o sistema judicial mantém todos os elementos do sacrifício: inibe o círculo vicioso da violência; não permite vingança; é a última palavra; conserva o elemento transcendente/teológico, (coloca-se acima de todos) com a verdade inquestionável da justiça; não acaba com a crise mimética que dá origem à violência, mas afasta o perigo da rivalidade generalizada; os condenados são comparáveis aos bodes expiatórios.

---

<sup>6</sup> Cf., Max WEBER, *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982: 229 ss.

<sup>7</sup> *Ibid.*:260.

De qualquer forma, a idéia de perdão está completamente afastada também nesse sistema. A regra é o sacrifício do culpado, o que equivale a fazer justiça por meio de um sistema legítimo com poder acima de todos (transcendental) para evitar que se faça justiça com as próprias mãos, desencadeando um círculo de violência. Basta uma crise no sistema, uma ameaça à desintegração social, para que apareçam outros mecanismos destinados a controlar as desordens nas relações sociais.

Prosseguiremos nossa reflexão analisando alguns aspectos do telejornal “Brasil Urgente” (BU), que surge como um fator ordenador da sociedade em crise porque incapaz de conter a violência por meio de suas instituições legítimas.

#### **8. O “Brasil Urgente” substitui o sistema judiciário**

Nas sociedades modernas, o sistema sacrificial das sociedades primitivas foi substituído pelo sistema judiciário que detém, ancorado pelo Estado de direito das leis e normas, o monopólio sobre a administração das situações de violência. O Poder Judiciário e a polícia têm poderes para usar legitimamente a força que é a violência, mas já vista como purificadora.

Estando acima de toda a sociedade, tais instâncias se mantêm na transcendência, no âmbito do sagrado. Acontece porém, que na nossa sociedade o sistema judiciário não está conseguindo lidar satisfatoriamente com todas as crises decorrentes da violência crescente. É lento e ineficiente na resolução da criminalidade e insegurança. Essa situação cria condições para que surjam na mídia, programas sensacionalistas nos moldes do “Brasil Urgente” que, apresentado por Datena, opera como real representante do poder que se autoriza a dar sempre “a última palavra da vingança”: prende, organiza tribunais, julga, encontra os culpados, condena ou absolve transgressores, tudo em tempo real e ao vivo. Nesse sentido, a idéia de violência purificadora e violência impura apresentada por Girard pode ajudar a refletir sobre o papel daquele telejornal na sociedade onde o sistema judiciário, como legítimo detentor do monopólio sobre a violência se encontra à beira da falência.

Com base nas investigações de Girard, um elemento particularmente importante na nossa discussão é a forma como certas instituições ou mecanismos surgem na sociedade com o papel de administrar a violência, e colocando-se acima de tudo, transformam-se em poderes legítimos na contenção da mesma.

À semelhança do sistema judiciário que tem a última palavra, o BU descarta a idéia de perdão. É o que se observa no discurso do apresentador e dos repórteres que não dão chances para qualquer defesa dos acusados. A regra é o “sacrifício” do culpado, o que equivale a fazer justiça por meio de um sistema que se pretende legítimo com poder acima de todos (por isso transcendental) para evitar que se faça justiça com as próprias mãos desencadeando um círculo de violência. Nesse sentido, o BU funciona como uma espécie de catarse, uma válvula de escape para diminuir as tensões sociais, sem contudo, resolver os problemas.

É claro que, no combate à criminalidade, o BU não tem a legitimidade que tem o Poder Judiciário. Argumentamos apenas que, pela sua postura diante dos infratores, ele se coloca no lugar daquele, numa inversão dos papéis sociais.

O indivíduo que é massacrado pela crueldade do sistema social tem um veículo para vingar-se, uma vingança legitimada pelo meio que a exprime, pelo índice de audiência que tem a força da linguagem visual e verbal. O telejornal foi transformado num mecanismo racional de reivindicações e acertos de contas.

O telespectador se identifica com a solução. Desse modo, a TV assume o papel de interventora na vida das pessoas, e não mais apenas noticia, mas faz “justiça” e pressiona as instituições, num processo de apropriação e inversão dos papéis sociais. Quer dizer, esse programa e a mídia em geral, hoje, ocupam o lugar do Estado e das instituições. De certa forma, a mídia é, ao mesmo tempo, produtora da notícia e detentora das grandes verdades e soluções. Dessa forma, ocupa o lugar que outrora foi de Deus, como a verdadeira religião a quem a pessoa recorre. Os sistemas de comunicação tornam-se realizadores da justiça e da

pressão. Desaparecem as instituições intermediárias, nos quais a sociedade poderia organizar-se a fim de fazer valer seus direitos.

No entanto, quanto à substituição do Judiciário, o programa mostra que ele não funciona. O telejornal exerce o papel que a gente espera daquele Poder, que nada mais é senão aquela vingança intelectualizada, racional, que impede o indivíduo de fazer justiça com as próprias mãos com relação à pessoa que o prejudicou. A vingança se processa através da lei, de todo um aparelho que serve para racionalizá-la, um sistema legítimo que faz justiça (vingando). Se isso não acontecer, indivíduos prejudicados tendem a fazer justiça conforme lhes convier.

Girard considerou a abolição dos rituais de sacrifício com o surgimento das instâncias legisladoras na sociedade, através do que ele chamou de racionalização, o que podemos considerar de simbolização. “O sistema judiciário racionaliza a vingança, conseguindo dominá-la e limitá-la a seu bel-prazer” (Girard, 1998:35). O autor alerta, porém, sobre o caráter desse processo. O Poder Judiciário “só pode existir se associado a um poder político realmente forte. Como qualquer outro progresso técnico, ele constitui uma arma de dois gumes, servindo tanto à opressão quanto à libertação” (*Ibid.*:36).

Assim, quem toma em suas mãos o papel de regulador dos processos sociais são as instituições sociais, os legisladores ou quem mais puder convencer a sociedade de seu poder para tal. Na sociedade contemporânea, uma das instituições de maior poder, que exerce com muita competência essa regulação social através da linguagem é a mídia. A TV, especialmente, pela projeção, pela transferência e pelo uso de imagens, é a racionalizadora maior de nosso tempo, e por isso dispõe de um enorme poder simbólico.

Ainda sobre essa questão do poder simbólico, com base nas afirmações de Girard, de que a violência e o sagrado são indissociáveis, podemos pensar na possibilidade de que a mídia, ao exercer a violência, encontra nesse exercício uma forma de sacralizar-se. Existe a possibilidade de, em uma sociedade que não goza de boas relações com o sagrado, apelar para o outro lado da relação, para a violência, como forma de aproximar-se do núcleo do

sagrado. Usando desse recurso, a mídia passa a exercer um poder simbólico religioso que se constrói na direção de um poder centralizador, catalisador, de um totem (símbolo protetor da coletividade) pós-moderno virtual.

Isso nos remete à idéia do mecanismo que pretende exercer a violência purificadora, conforme vimos nas investigações de Girard. Quando um sistema ou instituição se coloca acima das demais instituições, ao combater a violência, o faz como violência purificadora. A sua atuação se dá numa dimensão religiosa, transcendental. No apresentador Datena, no BU, percebem-se traços característicos de mediador religioso que se pretende purificador ante a violência comum. Conforme podemos observar no BU, o seu estilo e forma, deixa transparecer uma certa pretensão de combater a violência impura da sociedade com a violência purificadora e sagrada. Tendo a mídia como “altar sacrificial”, Datena, na pele do âncora, encarna-se como justiceiro. É o “salvador” eletrônico, o “sacerdote”, juiz e mediador, com seu cassete, instaurando e re-instaurando a ordem diante do vazio deixado pela Justiça. Do seu “santuário”, o estúdio, Datena sai, simbolicamente mediado pela força da TV, para entrar na sociedade e dela expulsar a violência impura que a ameaça.

Pela linguagem e postura, o apresentador é como uma pessoa do povo e ao mesmo tempo permanece dele separado, uma espécie de figura aparentemente “divinizada” que, diante da violência maléfica, aparece de fora para purificar a violência impura. No fim do programa, ele retorna ao “panteão” para preservar a sua condição “sagrada”, regressando no programa seguinte para continuar a sua missão. Evidentemente, todo esse aparato não tem outra função, senão o de criar ilusões e proporcionar espetáculo.

Como um grande maestro, o apresentador dirige tudo, não se restringe somente ao que é feito no estúdio, mas alcança a Grande São Paulo, cidade que se transforma em um megaestúdio onde o telespectador, além de assistir ao programa, participa de sua produção.

As pessoas, não só populares mas também de classe média, ameaçam outras pessoas e instituições, dizendo: “tem que resolver esse problema, senão vou denunciar para o Datena”. Ou seja, os sistemas de comunicação tornam-se realizadores da justiça e da

pressão. Além de serem produtores de notícias, os meios de comunicação contêm em si as grandes verdades e as grandes soluções. Temos uma espécie de messianismo ocupando o lugar que outrora foi de Deus, a mídia aparece como uma espécie de religião, a quem as pessoas recorrem. Num julgamento, os jurados e o juiz têm a última palavra. Aqui, quem tem a última palavra é o BU e não há direito de defesa nem apelação para segunda instância. A mídia aparece como mediadora (a cultura da mídia).

O programa se propõe a fazer justiça aos indefesos. No entanto, um bom observador que assiste ao telejornal, logo vai perceber formas comuns de desrespeito aos direitos humanos na mídia: incitação ao crime, à prática da tortura, linchamento e outras formas de violência, discriminação racial, desrespeito à dignidade e grupos de pessoas fragilizadas, como doentes mentais, dependentes químicos, portadores do vírus HIV, entre outros. Agindo assim, o BU mostra que também não consegue ser eficiente na resolução de problemas da sociedade em crise, da qual ele próprio é fruto.

Diante da dificuldade de se eliminar de vez a violência, a sociedade tecnológica contemporânea se serve de canais por ela mesma engendrados, os programas sensacionalistas, para garantir um processo estrutural de sublimação: definindo padrões legítimos, toleráveis para a violência evitando que ele se transforme em contestação racional. Em outras palavras ela cria um mecanismo para canalizar a agressividade inerente nas relações sociais e interdita e controla a violência sistêmica.

## **9. Considerações finais**

Para Girard há dois tipos de violência: a violência purificadora (que é a violência religiosa purificadora do sacrifício) e a impura (que destrói a comunidade, a violência do conflito mimético). Os dois tipos de violência continuam a existir só que, ao longo dos tempos, a forma de sua implantação se modificou. Girard observa que nas sociedades arcaicas, a violência purificadora era aplicada, de forma preventiva, pelos ritos sacrificiais e mais tarde, nos tempos modernos, ela passa a ser aplicada de forma mais eficiente e curativa, pelo sistema judiciário respaldado pelo poder do Estado. Entretanto, na sociedade contemporânea, o sistema judiciário revela-se incapaz de operar satisfatoriamente, criando

a possibilidade para o surgimento de outros mecanismos destinados a purificar a violência. No nosso estudo, levantamos a hipótese de que os telejornais sensacionalistas, com sua forma e estilo como observado no BU, surgem para assumir esse papel. Em comum a todos os mecanismos persiste a pretensão de purificar a violência da sociedade.

No telejornal sensacionalista encontra-se assim a função da mídia enquanto organizadora da sociedade e da cultura, que, diante da ineficiência das instituições do Estado de direito deve recorrer, por exemplo, a programas como o BU, para resolver os problemas decorrentes da violência. Nesse sentido, a existência e o sucesso de programas desse tipo mostram o descrédito na justiça e nos levam a imaginar que em sociedades onde o sistema judiciário funciona satisfatoriamente, esse gênero de programa talvez não consiga o mesmo sucesso.

Quando questionados sobre a questão de predileção temática da mídia pela violência, a resposta que temos dos produtores de telejornais sensacionalistas é de que o espectador gosta, de que é o que dá audiência. Nos perguntamos se a televisão não teria em seus próprios fundamentos, necessidade da violência, como necessita também dos sucessos sensacionalistas, dos espetáculos esportivos, dos desenhos animados, dos documentários...

Existe também um elemento de complementariedade e compensação: quando a televisão mostra a violência, o crime, a dor, a miséria, o medo, a tragédia, a morte, ela o faz para contrabalançar ou até mesmo justificar o belo, o feliz, o festivo apresentado. Se a TV não mostrasse a dor, a miséria e a morte, ela teria maior dificuldade de cultivar, ao mesmo tempo, a nostalgia do prazer, da alegria, da paz e da felicidade.

A violência é um forte componente dos conteúdos da televisão e de certa forma serve para reforçar e reproduzir os mecanismos sociais e a estrutura de uma sociedade violenta. O fora-da-lei, o criminoso, o marginalizado, o diferente, o ousado, o irresponsável, o corrupto sempre acabam mal, pois o que vale é viver sob o padrão exigido. Nessa linha, a violência da TV é idêntica à violência com que a sociedade trata todos aqueles que ousam romper com esse princípio da realidade e desafiá-lo. Talvez, seja por isso que ela é valorizada. Ao

que tudo indica, a violência não deixa de alimentar o telejornal que ao retratá-la reproduz uma visão de mundo violento e fora de controle, justificando a própria existência de telejornais do gênero, que por sua vez, é por ela alimentado. O espectador consome a punição feita através do telejornal, dando a sensação de que tudo está resolvido. É nesse sentido que telejornais sensacionalistas podem funcionar como uma catarse, dissipando, momentaneamente e de maneira ilusória, as tensões sociais.

## **Bibliografia**

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai Sangue: Um estudo do sensacionalismo na Imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Sílvio H.Vieira. *Cidade Alerta: Deus substituiu o sexo no tripé do sensacionalismo*. In: *Anuário de Jornalismo*. Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, 2001-2002, pp. 89-95.

GIRARD, René. *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque*. Paris: Grasset, 1961.

\_\_\_\_\_. *A Violência e o Sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Um longo argumento do princípio ao fim: Diálogos com João Cezar de Castro Rocha e Pierpaolo Antonello*. Tradução de Bluma Waddington Vilar: Rio de Janeiro, Topbooks, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Bode Expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.

## **Sites**

Página oficial da Rede Bandeirantes, telejornal “Brasil Urgente”: Disponível em: <http://www.band.com.br/brasilurgente/programa.asp>. Acesso em 15 out. 2005.